

## FEMINISMO NEGRO: CONEXÕES COM RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

LAURIANE PEREIRA<sup>1</sup>; NÁDIA DA CRUZ SENNA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas-UFPel - [Olauriane.pereira0@gmail.com](mailto:Olauriane.pereira0@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas-UFPel - [nadiadacruzsenna@gmail.com](mailto:nadiadacruzsenna@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida foi realizada junto à disciplina de Arte e Gênero, como atividade prevista no plano de trabalho da bolsista de monitoria, com intuito de ampliar repertório poético e reflexivo a partir dos conteúdos tratados em sala de aula. O feminismo negro e as religiões de matriz afro brasileira foram os temas estudados, com foco nas mulheres afro-diaspóricas, dentro da ramificação familiar iorubá e a estética do terreiro. A abordagem priorizou a revisão bibliográfica dos temas, fundamentada no pensamento de autoras e líderes pioneiras ligadas ao feminismo negro. As conexões entre o feminismo negro e as religiões de matriz afro-brasileira, bem como as questões ligadas a representação e representatividade da mulher no espaço do terreiro são estudadas a partir das contribuições de autores referência na área.

O feminismo negro é um movimento que ganhou destaque nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 60, impulsionado pelo ativismo das mulheres negras norte-americanas que buscavam dar voz às questões que muitas vezes eram negligenciadas pelo feminismo tradicional. Esse movimento trouxe à tona as complexas intersecções entre raça, classe e gênero, desafiando paradigmas tradicionais e expondo as profundas desigualdades enfrentadas pela população negra, com especial ênfase nas mulheres negras. A pesquisa aborda o feminismo negro nos Estados Unidos e no Brasil, destacando figuras influentes como DAVIS; ANGELA ( 2016) e GONZALEZ, LÉLIA (2020), além de examinar como as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, desempenham um papel significativo na promoção da igualdade de gênero e na resistência cultural.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa de abordagem teórica e revisão do conteúdo, seguiu as seguintes etapas: levantamento bibliográfico em fontes acadêmicas, livros, artigos e dossiês relacionados aos temas estudados, foi feita uma seleção de autores e autoras referenciais, após essa etapa, procedeu-se o estudo, com intenção de estabelecer as conexões entre o feminismo negro e as religiões de matriz africana. Sobre o feminismo negro destacamos o pensamento de Angela Davis, Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento. As religiões de matriz afro-brasileira e as questões ligadas à representação e representatividade da mulher no espaço do terreiro são estudadas a partir das contribuições de MARINHO; THAIS (2023) e BASTIDE; ROGER (1971). As informações foram coletadas e organizadas de forma a proporcionar uma análise abrangente das questões de gênero, raça e classe dentro desses contextos culturais e sociais. A etapa final compreendeu a redação do texto para posterior apresentação e divulgação.

### 3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo realizado destacou a importância do movimento feminista negro nos Estados Unidos, liderado por mulheres como Angela Davis, a qual desafiou as limitações do feminismo tradicional, que muitas vezes negligenciava as experiências das mulheres negras. Angela Davis, uma militante dos Panteras Negras e acadêmica renomada, destacou as interseções entre raça, classe e gênero em seu livro "Mulheres, Raça e Classe". Ela enfatizou o papel crucial das mulheres negras na luta por justiça e igualdade, instigando ações para superar as disparidades sociais e criar uma sociedade mais equitativa.

No Brasil, o feminismo negro ganhou certa visibilidade nos anos 70, quando mulheres negras começaram a se unir para denunciar o racismo e as falhas do feminismo eurocentrício. Lélia Gonzalez, uma das pioneiras desse movimento, desafiou as opressões interligadas enfrentadas pelas mulheres negras e destacou a importância de reconhecer e enfrentar estereótipos raciais e sexuais prejudiciais. O feminismo negro no Brasil continuou a crescer com figuras como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Djamila Ribeiro e Luisa Bairros, todas elas desempenhando um papel vital na redefinição da luta por justiça social e igualdade no país.

A religião de matriz africana, também conhecida como religião afro ou religião afro-brasileira, desempenha um papel de grande relevância na história e cultura do Brasil. Sua trajetória é marcada por uma resistência resiliente e uma luta contínua contra a opressão e o preconceito. Durante o período da escravidão no Brasil, os africanos escravizados enfrentaram uma série de restrições e perseguições cruéis, incluindo a proibição de praticar suas próprias religiões tradicionais.

Apesar das adversidades impostas, os africanos mantiveram suas crenças e tradições religiosas de maneira clandestina. Eles adaptaram suas práticas espirituais às novas realidades do Brasil, incorporando elementos da cultura brasileira e sincronizando essas tradições com elementos do catolicismo e de outras religiões presentes no país. Esse processo de sincretismo religioso resultou na formação das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, que continuam a desempenhar um papel significativo na vida cultural e espiritual do Brasil até os dias de hoje.

Uma das características notáveis dessas religiões é sua abordagem equilibrada em relação às questões de gênero. Enquanto muitas religiões tradicionais frequentemente relegam as mulheres a papéis secundários, as religiões de matriz africana reconhecem a dualidade de gênero de maneira respeitosa e inclusiva. Dentro dessa perspectiva, as mulheres têm a oportunidade de ocupar papéis de liderança, como sacerdotisas ou mães-de-santo, e desempenhar um papel ativo na preservação e transmissão das tradições culturais. Essa visão mais aberta e igualitária de gênero representa uma alternativa valiosa ao patriarcado predominante.

Os terreiros, como espaços de culto e celebração, desempenham um papel vital na conexão espiritual e comunitária das mulheres afro-diaspóricas. Esses locais sagrados servem como pontos de encontro e celebração, onde as pessoas se reúnem para cantar, dançar, tocar instrumentos musicais e fazer oferendas às divindades. A música, a dança e as artes visuais desempenham um papel crucial nessas religiões, não apenas como formas de expressão espiritual, mas também

como meios de conexão com as energias divinas e de celebração da cultura afro-brasileira.

Além disso, os terreiros servem como espaços de educação informal, onde ocorrem a transmissão de conhecimentos, valores e tradições culturais. Durante o período da escravidão, esses locais frequentemente eram encontrados nas proximidades das senzalas, permitindo que os africanos escravizados praticassem seus rituais de forma discreta. Esses espaços sagrados, com sua atmosfera acolhedora e inclusiva, continuam a ser fundamentais para a preservação da cultura afro-brasileira e para a resistência cultural contra o racismo e a opressão.

Em resumo, as religiões de matriz africana desempenham um papel vital na promoção da igualdade de gênero, na resistência cultural e na conexão espiritual das comunidades afro-diaspóricas no Brasil. Sua abordagem inclusiva e respeitosa em relação ao gênero oferece uma perspectiva valiosa e inspiradora em um mundo onde as desigualdades de gênero persistem. Os terreiros, como espaços sagrados de encontro e celebração, continuam a ser faróis de cultura, espiritualidade e resistência, fortalecendo a identidade e a coesão das comunidades negras no Brasil.

#### 4. CONCLUSÕES

Em conclusão, o feminismo negro desempenha um papel fundamental na luta por justiça, igualdade e reconhecimento das mulheres negras em uma sociedade que historicamente as marginalizou. Figuras como Angela Davis e Lélia Gonzalez são exemplos inspiradores de lideranças que desafiaram as normas e moldaram as discussões sobre gênero, raça e classe.

As religiões de matriz africana, por sua vez, oferecem uma visão alternativa de gênero e empoderamento para as mulheres afro-diaspóricas, destacando a importância da espiritualidade e da cultura na resistência contra o racismo e o machismo.

No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para combater as desigualdades sistêmicas enfrentadas pelas mulheres negras. É essencial continuar promovendo a inclusão, a educação e o respeito às tradições culturais afro-brasileiras como parte do caminho em direção a uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES MARINHO, Thais; DE JESUS GUTERRES, Heridan. **Mulheres afrodiáspóricas, religiosidades e feminismos.** Revista Mosaico, Mosaico, ano 2023, v. 16, n. 1, p. 4 - 9, 22 fev. 1923. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13113>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ALVES MARINHO, Thais. **Feminismos de terreiros e patriarcado no Brasil.** Revista Mosaico, ano 2023, v. 16, n. 1, p. 1 - 20, 16 fev. 1923. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/12824>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1971.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução?  
**Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória.** 2017. Patricia Hill Collins. Disponível em:<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 28 mar. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020. MACHADO DIAS, Magno.